

Sentidos e discursos envolventes: uma análise sobre a constituição identitária docente em uma reportagem alagoana do ano de 2020

Meanings and engaging discourses: an analysis of the teacher's identity constitution in a news report from Alagoas in the year 2020

Matheus Tavares Farias da Silva¹
Rita de Cássia Souto Maior²
Lucas Henrique de Omena³

Resumo: Situado na Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2006), da desaprendizagem (Fabrício, 2006) e Implicada (Souto Maior, 2023), objetivamos, com este estudo, analisar um texto da mídia alagoana, retextualizado de uma entrevista *on-line*, em relação às transformações, no âmbito educacional, decorrentes da pandemia pelo Sars Cov-19 (Santos, 2020), destacando discursos envolventes referentes às identidades (Hall, 2020) e às identidades docentes especificamente (Souto Maior; Luz, 2019). Consideramos importante observar novos sentidos sobre aquelas práticas diante de mudanças sociais bruscas que ocorreram no período da pandemia, atualizando-as na contemporaneidade. Após seleção e pré-análise de reportagens, analisamos uma delas que foi veiculada no portal Cada Minuto no ano de 2020. Nossa abordagem de pesquisa foi qualitativa (Flick, 2009), de base interpretativista (Moita Lopes, 2006). Para análise de dados, utilizamos a perspectiva dialógica do discurso (Bakhtin, 1986; 2011; Volóchinov, 2021), caracterizando os Discursos Envolventes (Souto Maior, 2022; Oliveira; Souto Maior, 2022; Moreira Júnior; Souto Maior, 2020) e as noções de identidade social. Com a análise, observamos 1) a mobilização de discursos envolventes neoliberais que discorrem sobre a educação pública sem remissão às causas; 2) os discursos sobre um “despreparo” para a nova realidade nas práticas docentes, mas com uma certa modalização quanto a essas dificuldades; 3) a invisibilização do sofrimento emocional do docente.

Palavras-chave: Discurso. Discurso envolvente. Pandemia. Constituições identitárias docentes. Ensino e aprendizagem.

Abstract: Situated in Applied and Implicated Linguistics (Moita Lopes, 2006; Souto Maior, 2023), this study aims to analyze the discourses of the Alagoan media regarding the transformations in the educational sphere resulting from the pandemic, highlighting discourses related to identities (Hall, 2020) and specifically to teacher identities (Souto Maior; Luz, 2019). It is important to observe new meanings regarding these practices in light of the abrupt social changes that occurred during the Covid-19 pandemic (Santos, 2020). We analyzed a report published on the Cada Minuto portal in 2020, and our research approach was qualitative (Flick, 2009), based on interpretivism (Moita Lopes, 2006). For data analysis, we utilized the dialogical perspective of discourse (Bakhtin, 1986; 2011; Volóchinov, 2021), characterizing the Engaging Discourses (Souto Maior, 2022; Oliveira; Souto Maior, 2022; Moreira Júnior; Souto Maior, 2020) and the notions of social identity. With the analysis, we observe: 1) the mobilization of engaging neoliberal discourses that address public education without developing the underlying causes; 2) discourses about the lack of preparation for the new reality in teaching practices, yet with some modalization regarding these challenges; 3) the invisibilization of the teacher's emotional suffering.

¹ Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras, Maceió, AL, Brasil. Endereço eletrônico: matheus.silva@fale.ufal.br.

² Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras, Maceió, AL, Brasil. Endereço eletrônico: rita.soutomaior@fale.ufal.br.

³ Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras, Maceió, AL, Brasil. Endereço eletrônico: lucas.omena@fale.ufal.br.

Keywords: Discourse. Engaging Discourse. Pandemic. Teacher Identity Constitutions. Teaching and Learning.

Introdução

Estamos inseridos numa rede de informações simultâneas que são, algumas vezes, contraditórias e que compõem a pluralidade de sentidos de mundo em diálogo com nossas experiências e saberes já consolidados, mas também em processo. Os significados das ações e os valores adquiridos através da interação social tecem o horizonte de nossas decisões e a elas podem dar alguma segurança para o sucesso de nossos objetivos ou intenções discursivas. Mas é nesse lugar também que os sentidos vão sendo produzidos e constituindo: as relações sociais, a polidez humana, os critérios de interpretação sobre o outro e sobre as profissões e as funções dessas profissões. Nesse ínterim, os novos acontecimentos vão se acomodando, às vezes por analogia a esquemas sociais já conhecidos e consolidados nas nossas práticas, mas também podem romper a organização social e discursiva de uma comunidade, de um grupo, de uma família, de uma pessoa.

Como um acontecimento novo, incerto e drástico, o período pandêmico pelo Sars-COV-2, de 2020 a 2022, no Brasil, ocorreu dentro de um redemoinho de informações que deram suporte e base (nem sempre sólidos) para acomodarmos o que vivíamos em algo que fosse mais crível e mais possível de se conviver.

Nesse contexto, Santos (2020) afirma que a pandemia pulverizou a segurança da sociedade de um dia para o outro. Rodeados e rodeadas de informações contínuas nas redes sociais ou meios de comunicação de maneira relativamente mais democrática do que há 20 ou 30 anos, podemos dizer que vivemos, nesse período, por um lado, um estado de “infodemia”⁴ (Domingues, 2021), condição na qual temos acesso a diversas e excessivas informações e notícias não necessariamente verdadeiras. Por outro lado, entendemos que a mídia tomou ainda mais espaço como lugar de informações fundamentais para a sobrevivência das pessoas.

Ainda sobre o período em tela, a produção midiática acompanhou constantemente as transformações sociais ocorridas, construiu narrativas e transformou situações do dia a dia num momento de muita fragilidade para todas as pessoas. As instituições família, igreja, escola tiveram que se reinventar e todo esse processo trouxe mudanças também para os papéis exercidos nessas instituições.

E as perguntas iniciais que fazemos é, primeiramente, como lidamos com esse contexto em que os sentidos são tão variados e podem ser até conflitantes e, segundo,

⁴ Domingues diz que em “fevereiro deste ano, na Conferência de Segurança de Munique, o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, deu um importante alerta ao mundo: “Não estamos lutando apenas contra uma pandemia; estamos lutando contra uma infodemia” (Munich, 2020) – termo que denota um aumento significativo no volume de informações circulando, sejam elas corretas ou não.”

como nos constituímos com ele? Nosso interesse se volta para as identidades das pessoas que compunham a instituição que, a nosso ver, foi mais cobrada como espaço de mudança da realidade, a escola. Vimos professoras e professores que, ao mesmo tempo em que processavam encaminhamentos de segurança dentro de suas casas, também elaboravam formas de lidar, dentro de suas casas, com janelas de atuação para a educação para seu grupo de alunas e alunos através das chamadas aulas remotas. De toda forma, vamos iniciar essa reflexão começando a entender como essa identidade vai se constituindo.

Charaudeau (2013) considera que cada ser humano quando nasce é, imediatamente, mergulhado num oceano de palavras e que o processo de construção identitária se constitui através do próprio ato de enunciação, que dá testemunho de si e do outro, do outro e de si. Nessa ótica, Hall (2020) entende que a identidade é definida historicamente e não biologicamente. Ele defende que essa construção identitária se transforma constantemente em função das interações, logo ela é social, histórica e relacional.

Neste estudo, em diálogo com o que foi dito até então, compreendemos, inicialmente, que a identidade histórico-social do ser é processo do ato enunciativo que também a atribui valor social e significados próprios. Esse processo interacional discursivo que constitui o sujeito também pode possibilitar rupturas de sentidos, a partir do momento em que estranhemos certas práticas (por isso, também discursos) e suas implicações sociais. As pesquisas são espaços de excelência para esse estranhamento e desnaturalização de sentidos. Nesse aspecto, a publicização da ciência se configura como um mecanismo de divulgação do desenvolvimento dos saberes que acionam conhecimentos ímpares, que poderão ajudar na busca da equidade social, no fortalecimento da democracia e na convivência mais crítica e humana nas comunidades.

Neste estudo, por exemplo, a reflexão sobre os significados de mundo acerca da prática docente no período de pandemia tanto poderá nos dar pistas do valor social atribuído à referida prática quanto das constituições identitárias formatadas nessa valoração e proporcionar novos saberes para a formação docente num movimento de alteridade.

Quanto à alteridade, de acordo com Volóchinov (2021), o enunciado se constitui na interação entre dois indivíduos, ou seja, como um território comum entre o falante e o interlocutor. Na falta de um interlocutor concreto, o lugar é ocupado por uma representação média do grupo social ao qual o falante pertence, ao mesmo tempo em que a palavra é orientada ao interlocutor, o qual é considerado a sua posição em termos hierárquicos.

Damos destaque, a partir daqui, aos sentidos que se repetem como ecos de sentidos sociais, chamados Discursos Envolventes que, segundo Souto Maior (2009), são enunciações que, mesmo sendo diferentes na forma de apresentação, fazem referência a

um determinado sentido fossilizado e recorrente nas práticas sociais (sobre pessoas, práticas, profissões, relações etc.), conforme explicitaremos melhor adiante. Por fim, e de acordo com Volóchinov (2021), defendemos que o processo de enunciação não é aleatório e a direção social lhe é inerente, ocorrendo através do outro e dos discursos que o circundam.

Dessa forma, vale ressaltar que o falante (re)produtor do discurso a ser analisado (um coordenador) está inserido num grupo social (nesse caso, de servidores da educação), o qual está posicionado como “superior” dentro da hierarquia e, portanto, com poder legitimador e legitimado na re/produção dos discursos.

Para centralizar o enfoque nos discursos sociais sobre a condição de ser docente durante a pandemia e cinco anos depois, escolhemos buscar esses significados em jornais da cidade de Maceió/AL e mais especificamente no gênero “reportagem”, como discurso relatado. Por discurso relatado, Charaudeau (2013) entende o seguinte: “O discurso relatado caracteriza-se pelo encaixe de um dito num outro dito, pela manifestação da heterogeneidade do discurso. Essa heterogeneidade está marcada por índices que indicam que uma parte, pelo menos, do que é dito, deve ser atribuída a um locutor diferente daquele que fala.

Metodologicamente, pesquisamos o tema com entradas no link de busca do Google com os segmentos “ensino, pandemia, Alagoas e 2020” nesse período. Nossa abordagem de construção de dados compreende a urgência de um modelo de pesquisa que nos possibilite a visão da complexidade inerente às relações humanas (Freire; Leffa, 2013). Nesse escopo, de acordo com Freire e Leffa (2013), convivemos com a incerteza, com a imprevisibilidade e com a instabilidade, o que nos impele a buscarmos respostas às dinâmicas e às especificidades dos contextos e momentos, a fim de que possamos compreender melhor a vida e seus processos, além de continuar questionando-os com mais profundidade. Assim sendo, dentro das pesquisas com discurso em Linguística Aplicada, assumimos a perspectiva interpretativista de análise (Oliveira, 2008).

O objetivo geral desta pesquisa é analisar os discursos de uma retextualização de entrevista publicada posteriormente na mídia alagoana, resultante da busca no segmento “ensino, pandemia, Alagoas e 2020”, divulgada no gênero notícia e no contexto da pandemia do Coronavírus pelo SARS-COV2 no ano de 2020. Como objetivos específicos, elencamos: descrever brevemente as principais temáticas sobre o ensino e aprendizagem que circularam na mídia alagoana no ano de 2020; destacar os Discursos Envolventes na publicação jornalística selecionada; distinguir temas e os elementos linguístico-discursivos que os compõem, correlacionando-os com os discursos envolventes identificados e a constituição identitária docente.

Assim sendo, dividimos este artigo em quatro partes: além desta introdução, no tópico seguinte, apresentaremos a noção de discurso, discursos envolventes e identidades; no subsequente, destacamos o contexto de pesquisa e a metodologia de análise dentro do campo da LA implicada; e, por fim, no penúltimo tópico, antes das considerações finais, faremos a análise do corpus construído.

O discurso, os discursos envolventes e a profissão docente

Para observarmos alguns dos discursos sobre o ensino e a aprendizagem durante a pandemia do Coronavírus pelo SARS-COV 2 no ano de 2020, é preciso inicialmente definirmos o conceito de discurso aqui mobilizado. Para isso, partimos de leituras de Bakhtin (1986), nas quais este autor compreende o comportamento duplo da palavra no sentido de que ela procede de alguém e se dirige para alguém, num processo dialógico que supõe também a alteridade. Bakhtin (1986, p. 113), sobre o aspecto da alteridade ainda, assevera que “através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade”. Assim sendo, compreendemos que Bakhtin elenca a situação social e seus interlocutores como determinantes para o processo de construção da enunciação que se dá sempre no encontro, no acontecimento da linguagem.

Damos continuidade à discussão sobre discurso, focalizando o/a docente e em como a profissão sofreu estímulos discursivos diversos na construção de novos sentidos necessários para que pudéssemos lidar com cada acontecimento do período em foco.

Segundo a UNESCO (2020), 91% dos/as estudantes do mundo, durante a citada pandemia, foram afetados/as e ficaram sem aulas presenciais. Nesse sentido, podemos inferir que houve uma reconfiguração das práticas docentes naquele momento. Quanto a isso, a profissão do professor, de acordo com Pimenta (1999, p.18-19), é transformada e adquire novas características para responder às novas demandas da sociedade. Obviamente a realidade dos atores e atrizes sociais se reverberou em deslocamentos sobre a noção do ensinar e do aprender e da postura daqueles e daquelas diante do que ocorria diariamente. Essas mudanças podiam ser constatadas no material discursivo das notícias e informações diárias. Nesse sentido, as atividades ou práticas sociais dos sujeitos se realizam por meio de gêneros discursivos que são relativamente estáveis, portanto, são reprodução, mas também produção de sentidos (Volóchinov, 2021).

Não obstante, compartilhamos a ideia de Charaudeau (2013), quando este afirma que, para a realização dos argumentos, é necessário utilizarmos a problematização, que está ancorada em três atividades mentais, a saber: 1. emitir um propósito no discurso; 2. inseri-lo numa proposição; e 3. trazer argumentos. Para fundamentar essa afirmação, o autor dirige essa temática argumentativa para as variadas maneiras como a mídia apresenta

a problematização das informações. Elenca, também, exemplos de manchetes e os questionamentos que podem surgir a partir delas. Todos esses movimentos argumentativos são atos de linguagem que pressupõem autor e público, o eu e o outro.

Nessa rede de sentidos discursivos, há cadeias verbais que se repetem e/ou que surgem como novos sentidos. Os Discursos Envolventes são aqueles que na repetição promovem as interações no campo do que é “verdade” ou no que nos é dado como “sentido natural” (Souto Maior, 2022). Os atos de linguagem, adquiridos pela/atraves da interação social, partem da necessidade de dar sentido a algo em concreto da vivência do sujeito e podem ser definidos como modos de expressões de linguagem, reações emocionais languageiras sobre um determinado sentido de mundo ou respostas quase que involuntárias porque são automáticas por ser um conhecimento adquirido pela tradição. Os discursos envolventes, assim, produzem e reproduzem sentidos, evidenciando um falso entendimento de verdade e de unanimidade (Oliveira; Souto Maior, 2022). De acordo com Moreira Júnior e Souto Maior (2020),

Discurso envolvente é um termo concernente à impressão de verdade que alguns segmentos linguístico-discursivos a priori nos dão independentemente de uma busca genealógica de sua origem ou ainda independentemente de uma possível necessidade de atualização desse sentido no seio do acontecimento. Ainda podemos dizer que o discurso envolvente é um sentido dado social e historicamente aos interlocutores, como uma memória social que pode reforçar relações de poder e pode funcionar como estratégia de manutenção de poder. (Moreira Júnior; Souto Maior, 2020, p. 125)

Como a identidade docente está atrelada aos sentidos circulados socialmente sobre a profissão (Souto Maior; Luz, 2018), podemos considerar que os discursos da mídia são modificados em relação aos acontecimentos e em relação ao processo de modificação na prática docente, ao mesmo tempo que também modificam essas práticas. Nesse sentido, como preconizam Souto Maior e Luz (2019), os discursos da mídia vão, grosso modo, endossando dizeres já compartilhados ou produzindo novos discursos sobre esses papéis do/a docente, os quais trazem implicações para o corpo docente, para os procedimentos que serão adotados e para o campo do trabalho. O/a professor/a, ainda segundo Souto Maior e Luz (2019),

[...] que era o/a senhor/a de suas ações no modelo tradicional, embasado/a, muitas vezes, no aspecto vocacional (suas práticas pedagógicas eram vistas como um dom, uma vocação), hoje, com as transformações históricas, econômicas e sociais, seria um/a profissional que, teoricamente, poderia lidar com diferentes perspectivas interacionais pedagógicas, metodológicas e identitárias, optando por estabilizar determinados sentidos. (Souto Maior; Luz, 2019, p. 397)

Segundo Hall (2020, p. 12) “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”, mas em transformação contínua e interpelada pelos sistemas culturais que o circundam.

Após apresentarmos as noções de discurso (Volóchinov, 2021) e de Discurso Envolvente (Souto Maior, 2009), as noções de identidade e identidade docente (Hall, 2020; Souto Maior; Luz, 2019), na próxima seção serão apresentados o contexto da construção de dados e a metodologia de pesquisa.

Contexto metodológico de pesquisa e de análise: para uma Linguística Aplicada Implicada

Como já exposto, situamo-nos na área da Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2006), da desaprendizagem (Fabrício, 2006) e da LA Implicada (Souto Maior, 2022; 2023). Área de produção de conhecimento que se preocupa em criar inteligibilidade ante problemas sociais que tenham centralidade na linguagem (Moita Lopes, 2006). Segundo Souto Maior (2023), o nosso compromisso como estudiosos/as e pesquisadores/as deve estar direcionado não meramente à constatação de indícios linguísticos “informados” pelos/as colaboradores/as de pesquisa, mas à percepção do processo de cooperação estabelecido entre os/as interlocutores/as do momento da interação, através de recursos linguísticos que geram questionamentos e sentidos que podem implicar na vivência de toda comunidade. Entendemos, portanto, a pesquisa em LA como prática problematizadora e área metodologicamente e teoricamente sensível aos contextos sociais no seu acontecer, visto que se entende a linguagem e as práticas sociais como inseparáveis e o/a pesquisador/a como pessoa imbricada na pesquisa (Souto Maior, 2013). Sua indisciplinaridade (Moita Lopes, 2006) advém de seus diálogos que não operam dentro de fronteiras disciplinares e a preocupação em pesquisar a linguagem em uso em contextos diversos aos escolares, ao mesmo tempo em que a área constrói sua pesquisa sem arrogar a unicidade e a imutabilidade das verdades.

Quanto à contemporaneidade, Fabrício (2006) elenca alguns aspectos, dos quais destacamos alguns para a presente discussão, a saber: a) vivemos a sociedade de excessos, com sobrecarga de informação e onipresença da mídia; b) há grande velocidade na circulação de discursos dentro das relações sociais que ocorrem também através da internet; e c) vivemos um hiperindividualismo.

Além disso, entendemos que, nas práticas discursivas, vários contextos sociais estão sobrepostos, sem fronteiras claras, por isso mobilizam diálogos transdisciplinares (Fabrício, 2006). A autora ainda assevera que a produção de conhecimento como prática social traz impactos no mundo, por isso a importância de se assumir uma agenda ética, política e

transformadora, sendo assim ela nega a neutralidade do conhecimento. Fabrício (2006), sobre a perspectiva da desaprendizagem, diz que

[...] é dessa perspectiva que os estudos lingüísticos poderiam analisar as formas de ser do sujeito, de construção de sentido e de produção conhecimento contemporâneas, bem como responder mais fecundamente às contingências, problematizações e urgências de nossos tempos: continuamente questionando-se, apostando nesse percurso nômade como estímulo ao desejo de curiosidade e criação, de pensar o impensado e de, apoiando-se no conhecido, torná-lo outro e estranhá-lo, para ousar ultrapassá-lo. (Fabrício, 2006, p. 61)

É nesse sentido que Souto Maior (2023) entende a LA implicada: tanto porque os sujeitos, suas subjetividades e as condições sociais do seu produzir implicam na produção do saber, quanto porque o conhecimento produzido implica as práticas sociais, ou seja, tem efeitos nelas. Em outras palavras, “o/a pesquisador/a do século XXI é uma pessoa atenta que escuta, sente e vê o outro e que se implica nos anseios das pessoas que sofrem com mazelas do estreitamento do mundo globalizado” (Souto Maior, 2024).

Partindo dessas premissas e a fim de obter o *corpus* de análise para discussões, debruçamo-nos sobre o estudo dos pressupostos metodológicos da pesquisa qualitativa. Segundo Godoy (1995, p. 23), esta abordagem proporciona um exercício de pesquisa que “não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques”. Nesse aspecto, compreendemos, com Oliveira (2008), que a pesquisa qualitativa também se coaduna com a dimensão interpretativista. A pesquisa de análise interpretativista considera que o ser humano não é um objeto e não é um sujeito estanque na história, mas, ao contrário, ele é um interlocutor ativo no processamento dos estudos. Ou seja, os/as participantes, nessa modalidade de análise dentro das pesquisas, não são meros/as “informantes” da língua, mas são pessoas que, ao interagir no mundo, constroem sentidos sobre esse mundo. Essas práticas e pessoas podem ser observadas, descritas, interpretadas e problematizadas em estudos discursivos dentro do campo da LA.

Como nossa pesquisa ocorreu estritamente no ambiente virtual, também consideramos as reflexões de Severino (2007) sobre as pesquisas na internet. Conforme Severino (2007, p. 140), a atividade de pesquisa, na rede mundial de computadores, precisa ser bem direcionada, posto que a internet é um enorme espaço de muitas informações. Com isso, o estudioso atenta sobre a necessidade de o/a pesquisador/a possuir endereços certos para poder buscar sites relacionados aos assuntos de interesse dele/a.

Nesse viés, a base metodológica de análise foi a discursiva dialógica (Bakhtin, 2011) ou a análise dialógica discursiva (ADD), e, nessa modalidade, o/a pesquisador/a observa

como a linguagem produz sentidos na/para as práticas na sociedade e para a constituição das subjetividades. Na ADD, segundo Brait (2004),

[...] o corpo de conhecimentos constitutivos de uma análise dialógica do discurso advém necessariamente de “arquivos”, de corpus, de conjuntos de textos, e não tem como meta a análise de um texto, de um trecho ou de uma sequência (embora possa fazê-lo). A análise das partes está sempre a serviço de um todo, a teoria a serviço da reflexão sobre a linguagem, sobre os discursos, sobre o homem e seu estar no mundo, e nunca em função do esquitejamento anatômico de um corpus, conforme as normas de um manual de instruções. (Brait, 2004, p. 6–7, grifos da autora).

Assim, entendemos o discurso na perspectiva do círculo bakhtiniano, ou seja, como base das atividades humanas, mas também como constituinte delas. Destacamos, nesse caso, a perspectiva histórica contextual que a pesquisa discursiva assume ao fazermos esse processo na perspectiva da Linguística Aplicada implicada (Souto Maior, 2022) e da análise bakhtiniana, conforme já dissemos. Nesse sentido, as atividades ou práticas sociais dos sujeitos se realizam por meio de gêneros discursivos que são relativamente estáveis, portanto, são reprodução, mas também produção de sentidos (Volóchinov, 2021). A seguir explicitamos como se deu a construção de dados.

Construção do Corpus: uma leitura de contexto

Para construir nosso *corpus* de análise fizemos a primeira seleção de textos a partir de palavras-chave na plataforma *Google*: “ensino, pandemia, Alagoas e 2020”. A busca foi feita em fevereiro de 2022, depois de procedimentos de limpeza do histórico de pesquisa. Na tela, apareceram quatrocentos e dezenove mil resultados e, *a priori*, selecionamos uma notícia, veiculada pelo portal *Cada Minuto*, primeiro portal midiático alagoano que apareceu na busca. Com esse recorte, entramos no site do Jornal e fizemos a segunda busca, agora usando a palavra-chave: “ensino”.

No *Cada Minuto*, apesar de termos a palavra “ensino” como chave na busca, as sete primeiras publicações desse portal tinham temas variados, com as seguintes reportagens: 1. “E-commerce: pandemia gerou novos empresários e mercado promissor em Alagoas”, em 26 de julho de 2020; 2. “Escolas do estado só terão aulas presenciais em março”, em 30 de dezembro de 2020; 3. “As dores e os desafios da cobertura jornalística em Alagoas em tempos de pandemia”, em 31 de maio de 2020; 4. “Devido a pandemia, casais reinventam para celebrar o Dia dos namorados à distância”, em 12 de junho de 2020; 5. “Como Alagoas chegou até aqui na pandemia?”, em 12 de julho de 2020; 6. “Pandemia: municípios do interior de Alagoas avançam para a fase laranja: confira o que pode funcionar”, em 28 de julho de 2020; e 7. “O Estado precisa pensar nas lacunas da educação pública escancaradas durante a pandemia, diz professor”, em 23 de dezembro de 2020.

Considerando que dessas 7 reportagens apenas duas tinham títulos relacionados ao tema educação (a segunda e a última), nós procedemos com mais um recorte: selecionamos a última (de 23 de dezembro de 2020) pelo fato de ser a textualização de uma entrevista feita através de uma *live* do Instagram “portalcadamin”, com um professor e coordenador de uma escola privada. Trata-se de um fato narrado, agora por escrito, de um acontecimento inicialmente publicizado por vídeo de forma síncrona.

Apresentadas a metodologia de pesquisa — de construção do *Corpus* para análise — iniciamos a análise discursiva a seguir.

Identities and conflicts

Apresentados os enfoques teóricos e a organização metodológica, iremos analisar, como já anunciado, a reportagem do mês de dezembro de 2020, do portal *Cada Minuto*, intitulada: “*O Estado precisa pensar nas lacunas da educação pública escancaradas durante a pandemia*”, diz professor”. Salientamos, novamente, que a reportagem se trata de uma retextualização da entrevista ocorrida em *live* por meio da conta do Instagram ‘portalcadamin’, conta oficial do próprio portal. Segue abaixo a reportagem na íntegra:

Cada Minuto – “O Estado precisa pensar nas lacunas da educação pública escancaradas durante a pandemia”, diz professor”

Durante mais uma edição do programa Direto da Província, o professor e coordenador do colégio Vila Rica, Luiz Henrique, mencionou algumas dificuldades enfrentadas por professores e alunos das redes de ensino pública e privada durante a pandemia e afirmou que “o Estado precisa pensar nas lacunas da educação pública escancaradas pela Covid-19”. A *live*, conduzida pelo jornalista Luis Vilar, aconteceu na noite desta terça-feira (22), no Instagram do Portal CadaMinuto (portalcadamin).

De acordo com o professor, as dificuldades enfrentadas nas escolas privadas foram enormes, mas que nada se compara a falta de estrutura das escolas públicas. “Dentro da escola privada a gente tem uma maior facilidade de acesso e isso pode impactar diretamente no desempenho desses alunos, principalmente, em provas como a do Enem. Mas isso não significa que a rede privada não teve dificuldades. Muitos dos meus alunos, por exemplo, não tinham cadeiras cativas com o acesso remoto e alguns deles sequer sabiam como enviar seus trabalhos por e-mail. Foi um processo de aprendizagem simultânea. Nós estamos na era digital, mas muitas pessoas não estão letradas digitalmente” afirmou.

Luiz acrescenta que também existiram dificuldades por parte dos professores em se adaptarem às plataformas digitais. “Tivemos que nos reinventar e aprender a utilizar as plataformas em um curto período de tempo, porém, muitas delas já utilizávamos antes mesmo da pandemia”.

Em relação a importância da utilização tecnológica como aliada a educação, o professor destaca que a tecnologia sempre deve ser usada a favor dos professores e alunos. “A grande dificuldade hoje é fazer com que as pessoas entendam que o celular não precisa ser o vilão na sala de aula e sim uma ferramenta de auxílio educacional”, disse, afirmando que todo professor precisa incluir o uso da tecnologia no seu método de ensino.

Questionado sobre a utilização do Ensino a Distância (EAD) como uma das soluções para a educação no pós-pandemia, Luiz ressalta que hoje o

ensino EAD seria um atraso para a educação. “Sou defensor da aula presencial. Durante as aulas remotas nós acompanhamos tudo em tempo real, já no ensino EAD as aulas, na sua maioria, são gravadas. O Brasil hoje não tem a mínima estrutura para conduzir um ensino a distância para os alunos de ensino fundamental e médio”, pontuou.

O professor Luiz Henrique também faz um alerta e apela para que os pais participem diretamente da educação dos seus filhos nas escolas, principalmente nesse período de grande aumento de casos de crianças e adolescentes com transtornos de ansiedade e depressão.

“Uma boa educação precisa ser construída entre escola, professores e os pais dos alunos. Eles têm um papel fundamental nesse processo. Hoje nossas crianças precisam ainda mais da nossa atenção. Elas também passaram por grandes mudanças com a pandemia e isso está causando sérios danos emocionais. A escola faz o que pode, mas sem a ajuda dos pais é impossível”, finalizou.

Fonte: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2020/12/23/o-estado-precisa-pensar-nas-lacunas-da-educacao-publica-escancaradas-durante-a-pandemia-diz-professor>.

No primeiro trecho que selecionamos, que se trata da primeira fala do professor e coordenador veiculada pelo Cada Minuto, é realizada uma comparação entre as características das escolas privadas e públicas. Destaque-se, antes de exposição *ipsis litteris*, que essa fala inicial ganha relevo na matéria, visto que passa a configurar como título dela:

Trecho 1: lacunas na educação pública

[o professor-coordenador] mencionou algumas dificuldades enfrentadas por professores e alunos das redes de ensino pública e privada durante a pandemia e afirmou que o Estado precisa pensar nas lacunas da educação pública, escancaradas pela Covid-19.

Fonte: recorte da reportagem.

Notamos nesse trecho que o autor da reportagem inicia com uma prévia, em terceira pessoa, anunciando que o entrevistado iria tecer considerações acerca do ensino no setor privado e público e também das dificuldades no período pandêmico, mas, imediatamente expõe, em discurso direto, uma avaliação do professor-coordenador entrevistado da educação pública ante essas dificuldades. Segundo Lerner, Cardoso e Clébicar (2021), a pluralidade enunciativa marca um cenário de complexidade singular, próprio de sociedades midiáticas, e faz da comunicação, na época, a dimensão central das relações durante a pandemia. Com Silva e Souto Maior (2020), entendermos que as discussões em relação ao ensino remoto atingiram de maneira dialógica as mídias, como caleidoscópios de sentidos assonantes e/ou contraditórios, na busca de espaços de “calmarias”, mas que evidenciaram, muitas vezes, a incerteza e o medo, resultantes do contexto de morte. A comunicação se tornou nesse período, novamente, frente decisiva para o enfrentamento dessas incertezas,

destacada pela necessidade do entendimento heterogêneo na e pela linguagem com seus recursos e sentidos.

Observamos já alguns traços interpretativos que são acionados pelo discurso do trecho 1: (1) que se está abstraindo de tal situação lacunar, a princípio, o setor privado, (2) logo, as lacunas “da” educação pública podem ser faltas inerentes, naturais ao setor, e que a emergência da Covid apenas as desvelaram. Esses Discursos Envolventes mobilizam, na/da memória social, outros discursos nos quais o setor público é por si só deficitário e insuficiente, ou seja, de que o serviço do estado e serviço de qualidade fossem diametralmente opostos.

Da mesma forma, essa avaliação estabelece uma díade na identidade docente, do/a professor/a das escolas públicas *versus* privadas. Identitariamente, há sentidos que podem aqui ser desenvolvidos, mas que, por ora, não iremos nos aprofundar. Apenas destacamos que se estabelece uma falsa impressão de que o setor privado, seja ele qual for, fornece um “contexto de trabalho” sem lacunas na infraestrutura e no apoio pedagógico.

Dentro de uma perspectiva da ética discursiva, seria importante que fosse dito, ao contrário de só expor possíveis lacunas na educação pública, o motivo delas ocorrerem, por exemplo: a insuficiência de repasses orçamentários, a desvalorização da educação e a falta de prioridade com o setor público, fatores esses que a pandemia escancarou.

Dentro de um encadeamento discursivo, o Discurso Envolvente que ressaltamos anteriormente está pronto para mobilizar o discurso sobre o serviço privado. Observemos que o entrevistado diz “o Estado precisa pensar nas lacunas”. O verbo pensar, aqui, não deixa claro o encaminhamento que deve ser realizado pelo Estado, deixando abertas as possibilidades de sentido: 1) o Estado pode “pensar” e pôr em ação políticas públicas de fortalecimento do setor público para sanar as defasagens acumuladas ou 2) o Estado pode “pensar” em outras soluções. Ora, se a lacuna é na educação pública, o problema é se pensar que a solução estaria fora do aspecto público. Portanto, as entrelinhas desse discurso mobilizam outros Discursos Envolventes que são aqueles que conclamam o Mercado e as Ações Capitalistas de privatização como solução dos problemas do Estado.

Além disso, o professor-coordenador da escola privada destaca a facilidade de acesso à tecnologia pelos/as discentes da escola privada, mas aponta algumas das dificuldades:

Trecho 2: nós estamos na era digital

Dentro da escola privada a gente tem uma maior facilidade de acesso e isso pode impactar diretamente no desempenho desses alunos, principalmente, em provas como a do Enem. Mas isso não significa que a rede privada não teve dificuldades. Muitos dos meus alunos, por exemplo, não tinham cadeiras cativas com o acesso remoto e alguns deles sequer sabiam como

enviar seus trabalhos por e-mail. Foi um processo de aprendizagem simultânea. Nós estamos na era digital, mas muitas pessoas não estão letradas digitalmente. (Cada Minuto, 2020)
Fonte: recorte da reportagem.

Não observamos, no discurso em tela, o discurso envolvente de que os jovens teriam mais facilidade no uso das tecnologias. Nesse sentido, trazemos à tona o termo usualmente aplicado de “nativo digital”, que não parece ter validade no dito do referido professor-coordenador, uma vez que esse termo caracteriza o ser humano em relação à facilidade no manuseio das plataformas digitais pela idade. Apesar de que há atividades específicas citadas, como o envio de *e-mail*, que não seriam comuns às práticas desses/as discentes.

A dificuldade de acesso relatada pelo coordenador também atinge a prática docente, segundo a reportagem:

Trecho 3: adaptação às plataformas digitais

Luiz acrescenta que também existiram dificuldades por parte dos professores em se adaptarem às plataformas digitais. “Tivemos que nos reinventar e aprender a utilizar as plataformas em um curto período de tempo, porém, muitas delas já utilizávamos antes mesmo da pandemia” [Prof. Luiz complementa].
Fonte: recorte da reportagem.

Podemos observar que, em discurso indireto, a reportagem revela que o professor-coordenador diz que os professores também enfrentaram dificuldades de adaptação às plataformas digitais. No entanto, no discurso direto, pode-se observar uma modalização das dificuldades pelas quais os docentes passaram. Essa modalização, no trecho acima, pode ser evidenciada a partir da consideração de que os docentes, embora precisassem de novos conhecimentos para utilização de algumas plataformas, já faziam uso de algumas dessas ferramentas antes do período pandêmico.

Como preconiza Bohn (2013), o mundo digital, as novas concepções de linguagem e as identidades construídas fazem exigências inegociáveis aos atores da sala de aula e isso vai se concretizando à medida que as práticas de linguagem vão surgindo das demandas mais formais (envio de *e-mail*, produção de textos no Word etc) até as mais informais (envio de mensagem pelo WhatsApp etc.). E, no caso do processo de ensino e aprendizagem durante a pandemia, pelo menos nessa reportagem que analisamos, há certa concepção de igualdade nos obstáculos entre docentes e discentes.

Considerando o que aponta Charaudeau (2013), entendemos que partes da reportagem, como o relato do professor, é um “dito relatado” e, assim sendo, traz discursos que são considerados fatos, que, por sua vez, são direcionados a um/a interlocutor/a. Na

perspectiva bakhtiniana, esses discursos são ideológicos e prenhes de sentidos. Além disso, podemos destacar esse movimento de interação do eu com o outro no processo de sentido.

Por conseguinte, entendemos que “é na tentativa de rearticular a relação entre sujeito e práticas discursivas que a questão da identidade [...] volta a aparecer” (Hall, 2020, p. 105 *apud* Souto Maior; Luz, 2019, p. 277). A prática do professor, nesse discurso, revela qual professor atuou na pandemia.

Podemos também analisar o discurso envolvente presente em:

Trecho 4: resistência ao uso do celular

“A grande dificuldade hoje é fazer com que as pessoas entendam que o celular não precisa ser o vilão na sala de aula e sim uma ferramenta de auxílio educacional” [Prof. Luiz afirma]⁵.

Fonte: recorte da reportagem.

Desse modo, podemos supor, pelo dito, que “as pessoas” que pensam dessa maneira têm a concepção de uma sala de aula tradicionalista, engessada, em que o professor é detentor do conhecimento e os alunos/as não podem ter voz ativa, nem qualquer espaço de interação que não seja entre ele e o professor.

Nesse sentido, não se trata apenas do professor que não considera o celular como aliado e que teria sua constituição identitária relacionada ao papel tradicional, mas da própria sociedade que teria de acompanhar essa mudança. Com efeito, essa concepção de sujeito é entendida como uma “celebração móvel” pautada na necessidade social, transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 2020).

Compreendemos que, sendo assim, uma identidade que defende metodologias ativas em sala de aula estaria mais propensa ao uso do celular, como instrumento auxiliador. No entanto, em contraponto ao discurso da escola privada e pública, que num primeiro momento foram caracterizadas como tendo “problemas”, mesmo assumindo que: “as dificuldades enfrentadas nas escolas privadas foram enormes, mas que nada se compara a falta de estrutura das escolas públicas. [...] Mas isso não significa que a rede privada não teve dificuldades”, destacamos que não se trata só da estrutura da escola, mas das condições de seu alunado referente a, se possuindo um celular, ter sinal de internet. Ou seja, se os alunos dispõem das condições para ter acesso ao celular com funções necessárias e à internet com relativa qualidade para o acompanhamento das aulas e

⁵ Em janeiro de 2025, o governo federal sancionou lei votada na Câmara dos Deputados para proibição dos usos dos celulares em escolas públicas e particulares. A lei 15.100/25 tem o objetivo de “salvaguardar a saúde mental, física e psíquica das crianças e adolescentes” (Brasil, 2025). Há exceções para o uso: para casos de acessibilidade e para fins pedagógicos.

produção das atividades, além de outros fatores que obstaculizam esse processo, como a adequação do ambiente doméstico aos estudos.

Por fim, há um dizer proferido, como um alerta aos pais, destacando o aumento dos casos de adoecimento das crianças e adolescentes diante da pandemia em:

Trecho 5: pandemia e danos emocionais

[Prof. Luiz alerta] Elas [as crianças] também passaram por grandes mudanças com a pandemia e isso está causando sérios danos emocionais.
Fonte: recorte da reportagem.

Apesar de “também” possibilitar a inferência de que todos passaram por mudanças, não há referência ao adoecimento do professor, sequer das dificuldades relacionadas ao período acerca da afetividade e do emocional; possibilitando-nos observar um apagamento ou uma invisibilização da discussão em torno da saúde mental do/a docente — problema e discurso envolvente que são latentes antes mesmo da pandemia. Na próxima seção, apresentaremos a conclusão do estudo.

Considerações finais

A LA é um campo de estudo que pesquisa as práticas de linguagem numa perspectiva social e processual, que inclui sujeitos e contexto nas dimensões de participação, que questiona discussões teóricas já consolidadas e que demanda novos temas e interesses institucionais de pesquisa como já explicitado. Neste trabalho, considerando esses aspectos, analisamos a abordagem dos portais midiáticos do estado de Alagoas, de modo particular, o portal “Cada Minuto”, acerca das questões relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem durante esse período, observando como o docente é apresentado nesse movimento.

Nesse contexto, as discussões e pesquisas sobre a pandemia da *Covid-19* emergem devido ao fato de ser um momento desafiador, atípico e de transformações abruptas nos contextos sociais. Como abordado por Freitas (2003), na pesquisa é necessário perceber o sujeito em sua particularidade. Contudo, esse sujeito precisa estar situado em relação ao seu contexto histórico-social.

É necessário destacar a relevância deste trabalho para a profissão docente e suas reconfigurações e que, diante dos dados selecionados e analisados, pudemos compreender que os docentes, assim como a comunidade mundial, foram surpreendidos com o estado de pandemia e com a instauração das aulas remotas.

Procuramos apresentar informações que versaram sobre o enfrentamento da pandemia no âmbito educacional e, a partir disso, buscamos analisar e identificar discursos envolventes. No procedimento analítico, pudemos perceber os discursos de profissionais da

área de educação, nas matérias apresentadas, e como esses discursos dialogam com a rede de sentidos ideológicos, históricos e culturais. A identidade docente foi constituída como aquela que era impulsionada a implementar, simultaneamente, novas práticas digitais ao seu cotidiano, mas que, de certa forma, respondia já a uma tendência necessária às práticas docentes de uma modernidade impulsionada pela nova ordem social tecnológica. Além disso, ao analisar os aspectos da diferença entre setor público e privado e como eles lidaram com as dificuldades provenientes da pandemia, a discussão não se amplia para além desse embate em que o setor público é inerentemente faltoso e em que o setor privado se sai “menos pior”. Nesse movimento de explorar alguns aspectos, a reportagem deixa outros apagados, por exemplo, o fato de que a lacuna maior que foi exposta pela pandemia foi a desigualdade social, colocando em xeque o discurso da meritocracia. Não apenas porque ficaram evidenciadas as faltas de acesso às tecnologias necessárias para a aprendizagem nessas condições, mas também porque a desigualdade pode ser configurada como um fator de vulnerabilização ante os efeitos da epidemia mundial.

Uma última constatação realizada na análise foi a verificação do apagamento dos efeitos emocionais e psíquicos dos/as docentes nesse contexto, visto que os trechos selecionados focalizam somente os efeitos sobre a saúde mental dos/das discentes. Por fim, as possíveis implicações desses discursos precisam ser revisitadas talvez em trabalhos de observação *in loco* no cotidiano das aulas posteriormente a esse período pandêmico.

Destacamos, por conseguinte, que a problematização acima apresentada tem relação com a tendência da LA de focalizar a linguagem como prática social e observá-la em utilização, uma vez que ela está relacionada a diversos fatores contextuais, conforme defende Fabrício (2006). Ainda trazendo correlações com a LA, percebemos com as leituras, tanto de Charaudeau (2013) quanto de Souto Maior (2022), que os discursos conduzem práticas e ações e vice-versa.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRAIT, B. Linguagem e identidade: um constante trabalho de estilo. **Trab. educ. saúde**, v. 2, n.1, p.15–32, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462004000100003>. Acesso em: 18 fev. 2025.

BOHN, H. Ensino e aprendizagem de línguas: os atores de sala de aula e a necessidade de rupturas. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Linguística Aplicada na Modernidade recente**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 79–98.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

DOMINGUES, L. Infodemia: uma ameaça à saúde pública global durante e após a pandemia de Covid-19. **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 12–17, 2021.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 45–66.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, M. M.; LEFFA, V. J. A auto-heterocoformação tecnológica. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 59–78.

FREITAS, M. T. A. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, M. T.; JOBIM e SOUZA, S.; KRAMER, S. (org.). **Ciências Humanas e Pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 26–38.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57–63, 1995.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

LUZ, L. S. F.; SOUTO MAIOR, R. Reflexões sobre as construções identitárias de docentes de Educação a Distância a partir da análise linguístico discursiva de interações no gênero consígnia. **DLCV**, v. 14, p. 274–304, 2018.

LERNER, K.; CARDOSO, J. M.; CLÉBICAR, T. Covid-19 nas mídias: medo e confiança em tempos de pandemia. In: MATTA, G. C., REGO, S.; SOUTO, E. P.; SEGATA, J. (org.). **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021, p. 221–231.

MOITA LOPES, L. P. Introdução. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOREIRA JÚNIOR, R. S.; SOUTO MAIOR, R. C. As relações dialógicas e os discursos envolventes sobre a condição histórico-social de uma mulher amante. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 122–148, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-457349383>. Acesso em: 24 ago. 2021.

O ESTADO precisa pensar nas lacunas da educação pública escancaradas durante a pandemia”, diz professor. **Cada Minuto**, Maceió, 23 dez. 2020. Disponível em: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2020/12/23/o-estado-precisa-pensar-nas-lacunas-da-educacao-publica-escancaradas-durante-a-pandemia-diz-professor>. Acesso em: 25 fev. 2022.

OLIVEIRA, E. V. M.; SOUTO MAIOR, R. C. Ensino de Português como língua não materna no ISF/UFAL: observando os discursos envolventes e as identidades docentes em construção. In: STURM, L.; SOUTO MAIOR, R. C. (org.). **A Linguística Aplicada no ensino e aprendizagem e nos estudos discursivos**. Tutóia: Editora Diálogos, 2022, v. 1, p. 408–436.

OLIVEIRA, C. L. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, Cascavel, v. 2, n. 3, p. 1–16, 2008. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122>. Acesso em: 25 mar. 2023.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 18–19.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Biblioteca Nacional de Portugal, 2020.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, J. T.; SOUTO MAIOR, R. C. Desafios do ensino remoto emergencial em tempos de pandemia: tensões emocionais discursivas. In: SOUTO MAIOR, R. C.; BORGES, L. A. O. (org.). **Estudos das práticas de linguagem em tempos de pandemia**. Maceió: EDUFAL, 2020.

SOUTO MAIOR, R. C. **As constituições de *ethos* e os discursos envolventes no ensino de língua portuguesa em contexto de pesquisa-ação**. 2009. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

SOUTO MAIOR, R. C. Estudos discursivos na Linguística Aplicada Implicada. In: SOUTO MAIOR, R. C.; STURM, L. (org.). **A Linguística Aplicada no ensino e aprendizagem e nos estudos discursivos**. Tutóia: Diálogos, 2022. p. 516–541.

SOUTO MAIOR, R. C. A linguística aplicada e a implicação na pesquisa: uma leitura bakhtiniana. In: OLIVEIRA JR., M.; MEDEIROS, A. C. M. (org.). **30 anos do PPGL UFAL**. Campinas: Pontes Editora, 2023, v. 1, p. 52–77.

SOUTO MAIOR, R. C. A Linguística Aplicada em diálogo com o Gedeall: implicações para a subjetividade do/a pesquisador/a e para a pesquisa. **Revista Leitura**, [S. l.], v. 1, n. 83, p. 493–511, 2024. DOI: 10.28998/2317-9945.202483.493-511. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/18623>. Acesso em: 30 mar. 2025.

SOUTO MAIOR, R. C.; LUZ, L. S. F. Identidades docentes e a ética discursiva nas interações sugeridas nas consígnias de abertura no contexto da educação a distância. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v. 17, n. 2, p. 395–413, 2019. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.172.10>. Acesso em: 18 abr. 2023.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem/ Valentin Volóchinov; tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

UNESCO [UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANISATION] COVID-19. **Educational disruption and response**. Paris: Unesco, 30 jul. 2020. Disponível em: <https://www.iiep.unesco.org/en/covid-19-educational-disruption-and-response-13363>. Acesso em: 27 abr. 2023.

Sobre os autores

Matheus Tavares Farias da Silva

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-2832-5116>

Graduando em Letras-Português pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Técnico agrícola pelo Instituto Federal de Alagoas. Membro do grupo de estudos Discurso, Ensino e Aprendizagem de Línguas e Literaturas (Gedeall).

Rita de Cássia Souto Maior

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2613-8863>

Doutora e mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e graduada em Letras pela mesma instituição. É professora associada da Faculdade de Letras da Ufal, onde coordena a graduação presencial da Faculdade de Letras, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência em Letras/Português (Pibid/Letras/Português) e o programa Idioma Sem Fronteiras de Língua Portuguesa como Língua Estrangeira ou Adicional. Lidera o grupo de estudos Discurso, Ensino e Aprendizagem de Línguas e Literatura (Gedeall).

Lucas Henrique de Omena

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0679-0560>

Graduando em Letras - Português pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Bolsista de iniciação científica (Pibic/CNPq, 2023-2024; 2024-2025). É membro do Grupo de Estudos Discurso, Ensino e Aprendizagem de Línguas e Literaturas (Gedeall).

Recebido em abr. 2025.

Aprovado em ago. 2025.